

Marilda Castanha: palavras e imagens para a primeira infância

Marilda Castanha: words and images for early childhood

Fabíola Ribeiro Farias

E-mail: abirfarias@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3139-1038>

Resumo: O artigo trata de livros de literatura para a primeira infância, tendo como objeto de análise a produção da escritora e ilustradora Marilda Castanha. Para isso, discute a literatura infantil como categoria e os livros para a primeira infância como subcategoria e produto editorial. Apresenta a autora e dois livros dedicados a bebês e a crianças pequenas: *Ops*, publicado pela editora Cosac Naify, em 2011, e *Entre tantos*, publicado pela editora Maralto, em 2024. Reflete sobre a produção autoral de Marilda Castanha neste segmento, localizando-a no panorama da literatura infantil brasileira contemporânea, com ênfase na produção editorial para bebês e crianças pequenas.

Palavras-chave: Marilda Castanha; Literatura infantil brasileira; Primeira infância.

Abstract: The paper deals with literature books for early childhood, with the object of analysis being the production of writer and illustrator Marilda Castanha. To this end, it discusses children's literature as a category and early childhood books as a subcategory and editorial product. It presents the author and two books dedicated to babies and young children: *Ops*, published by Cosac Naify, in 2011, and *Entre tantos*, published by Maralto, in 2024. It reflects on Marilda Castanha's

authorial production in this segment, locating her in the panorama of contemporary Brazilian children's literature, with an emphasis on editorial production for babies and young children.

Keywords: Marilda Castanha; Brazilian children's literature; Early childhood.

1 INTRODUÇÃO

Em 10 de agosto de 1941, no suplemento literário Autores e Livros, do jornal carioca *A manhã*, Carlos Drummond de Andrade falava sobre literatura infantil, questionando sua existência e perguntando-se “a partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto?” (Andrade, 2011, p. 183). Obviamente, a atenção do autor não se voltava para a caracterização da literatura infantil, mas sim para uma questão anterior, sua própria constituição, apartada da produção não infantil tomada como referência, em relação à qual a criação literária destinada aos pequenos leitores costuma ser definida.

O debate sobre a existência de uma produção literária inequivocamente para crianças, ou infantil, não é novo. Há muito autoras e autores, pesquisadoras e pesquisadores, editoras e editores se ocupam dessa discussão, ora afirmando que a literatura prescinde de adjetivos e que o qualificativo infantil se refere apenas aos destinatários da obra, ora reivindicando especificidades na criação de narrativas e poemas para a infância. Independentemente de concepções e argumentos em uma perspectiva ou outra, há vasta produção ancorada na categoria literatura infantil, com realizações as mais diversas. E, no âmbito dessa produção, novas experiências surgem todos os dias, tanto no que concerne a experimentações estéticas, quanto no que toca à formulação de produtos, em observação a demandas escolares e a oportunidades de mercado.

Os livros para a primeira infância, destinados a bebês e crianças pequenas, de zero a seis anos de idade, constituem, indubitavelmente, uma subcategoria da chamada literatura infantil, submetida às mesmas análises e, em última instância, vista em dois polos, como inovações criativas ou nicho de mercado. Essa produção pode, sem demérito, abranger uma coisa e outra, e se colocar como convite às crianças, em seus primeiros anos de vida, a experiências com a leitura, a escrita e as artes visuais, além da experimentação do livro mesmo como objeto de cultura.

Atualmente, há muitas publicações voltadas para bebês e crianças pequenas no Brasil, tanto de autores nacionais, quanto de estrangeiros, traduzidas para a língua portuguesa, e até mesmo editoras especializadas no segmento. Mas, em razão da incipiente compreensão sobre a primeira infância poucos anos atrás, especialmente no que se refere à pertinência da oferta de livros de literatura para sujeitos ainda não alfabetizados, alguns poucos autores se dedicaram, pionieramente, a este público e



hoje figuram como referência nessa produção. Este o caso da escritora e ilustradora Marilda Castanha.

Tendo isso em vista, este artigo trata de livros de literatura para a primeira infância, tomando como objeto de análise a produção da escritora e ilustradora Marilda Castanha. Para isso, discute a literatura infantil como categoria e os livros para a primeira infância como subcategoria e produto editorial. Apresenta a autora e dois de seus livros dedicados a bebês e a crianças pequenas: *Ops*, publicado pela editora Cosac Naify, em 2011 e *Entre tantos*, publicado pela editora Maralto, em 2024. E reflete sobre a produção autoral de Marilda Castanha neste segmento, localizando-a no panorama da literatura infantil brasileira contemporânea.

2 LITERATURA INFANTIL: AFIRMAÇÃO AINDA NECESSÁRIA

Os livros para crianças, incluindo os literários, remontam ao século XVIII, na Europa, especialmente na França e na Inglaterra, no contexto de industrialização, e consequente urbanização, desses países. A paulatina conquista de poder econômico e político pela burguesia teve como sustentação instituições que concorreram para sua afirmação, como a família e a escola. A divisão do trabalho, a delimitação do espaço doméstico e a percepção da infância como etapa em que os sujeitos precisavam ser cuidados, protegidos e instruídos, que deslocaram as crianças do trabalho para a escola, produziram um novo contexto, que permitiu o surgimento e a viabilização da literatura infantil como produto. Isso porque a compreensão da infância como período que exige cuidados específicos validou a escola como instituição, ao mesmo tempo que esta, a escola, produziu as condições – crianças alfabetizadas e valorização de processos formais de educação – para que o livro infantil se consolidasse como objeto de instrução e consumo.

No Brasil, a literatura infantil e os livros para crianças sempre estiveram vinculados à escola. Como na Europa, a educação escolar criou o mercado para escritores, ilustradores, tradutores e editores, assim como, em grande medida, segue pautando a criação literária e a produção editorial no país. Das edições estrangeiras trazidas por educadoras europeias para a educação de crianças de famílias abastadas, no século XIX (Coelho, 2010; Arroyo, 2011), à pungente produção editorial atual, passando por momentos decisivos na história da literatura infantil brasileira, como a publicação da



obra de Monteiro Lobato, na década de 1920, e o “boom” do final dos anos 1970, a escola sempre orientou o segmento e figurou como ponto nevrálgico para seu prestígio.

Marcada por críticas que a classificam como uma produção aplicada e submetida a interesses pedagógicos e, por isso, muitas vezes controlada por ideias que escapam à criação e a elaborações estéticas, em favor de objetivos educacionais, a literatura infantil tem sido historicamente inferiorizada em relação à literatura não infantil. Isso é perceptível nas pesquisas e na produção bibliográfica de programas de pós-graduação, sendo escassa a presença do tema na área de Letras e alta sua concentração na Educação. Isso se aplica também à crítica literária profissional, que, à exceção de veículos especializados, pouco se dedica à análise de obras publicadas para a infância.

Obviamente, a desconfiança não é infundada, pois a pressão econômica de programas públicos de aquisição de livros de literatura para as escolas, que movimentam vultosos valores em dinheiro, aliada ao senso comum que toma a literatura infantil como instrumento de educação e a leitura das crianças como prática pedagógica, apontam para um cenário cíclico em que autores e editores se orientam por demandas escolares, arriscando-se a atuar nos limites da necessidade apresentada e, dessa maneira, restringem a criação literária para a infância ao que foi delineado pela escola.

Isso, no entanto, não acontece sem conflitos. Concomitantemente ao acolhimento das questões da escola, a literatura infantil brasileira cria suas próprias demandas – temas, formatos, linguagens – e se reinventa em sua realização, revelando vigor e uma coerência que

provém de sua natureza desmitificadora, porque, se se dobra a exigências diversas, revela, ao mesmo tempo, em que medida a propalada autonomia da literatura não passa de um esforço notável para superar condicionamentos externos – de cunho social e caráter mercadológico – que a sujeitam de várias maneiras. E, como ainda assim, alcança uma identidade, atestada pela permanência histórica e pela predileção de que é objeto pelo leitor criança, mostra que a arte literária desenha sempre um espaço próprio e inalienável de atuação, embora ele possa ser limitado por vários fatores. (Lajolo e Zilberman, 2022, p. 40)

Apesar da escola e também por causa dela, a literatura infantil brasileira vem se constituindo desde o século XIX no país. Com momentos de mais conformação e outros intransigentemente disruptivos, muitas vezes sob aplausos e protestos públicos,

as narrativas que têm nas crianças seus leitores ideais reproduzem estereótipos, edificam tradições e valores morais e contribuem para a cristalização de concepções de infância idealizadas, mas também criam fissuras no *status quo*, tratando de temas universais, tensionando subjetividades previamente estabelecidas, experimentando a língua e afirmado contradições sociais e conflitos humanos em elaborações com textos e imagens nas páginas de livros.

As reservas em relação à literatura infantil como categoria se intensificam na análise de livros para a primeira infância, cuja produção editorial vem se ampliando e se sofisticando com a consolidação da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e sua obrigatoriedade para crianças a partir de quatro anos de idade, desde 2009. As matrículas de crianças nessa faixa etária, aliadas às pesquisas sobre o desenvolvimento infantil e à afirmação de especialistas sobre a importância de experiências com a leitura e a escrita desde os primeiros anos de vida, criaram uma demanda por livros pretensamente adequados a proposições pedagógicas, prontamente assimiladas e ofertadas pelo mercado editorial. Ainda que com justificativas distintas, com destaque às de viés econômico, os livros de literatura para a primeira infância constituem um consenso no Brasil hoje.

No âmbito específico da linguagem já se demonstrou que a criança depende quase completamente da influência de seu meio e que os modelos apresentados pelos adultos próximos são decisivos, o que leva a deduzir que oferecer ambientes estimulantes para o desenvolvimento de habilidades de linguagem pode reverter em economias significativas para a educação pública, já que reduz de modo considerável os problemas de repetência e evasão escolar. (Reyes, 2010, p. 20)

Há características dessa produção, no entanto, que tensionam sua crítica. A primeira delas é a insuficiência e até mesmo a prescindibilidade, em alguns casos, do texto verbal, que exige ilustrações e soluções gráficas indispensáveis na criação de livros para bebês e crianças pequenas. Dito de outra maneira, as narrativas literárias para a primeira infância só se realizam no objeto livro, na conjunção de palavras e imagens em suas páginas, com maior ou menor protagonismo de umas e outras, a depender da história que está sendo contada, além de aspectos como formato, tipo e gramatura do papel, dobras e cortes, entre outros.

Contribui também para a inferiorização da literatura infantil a menoridade social da infância e, mais ainda, da primeira infância, ancorada no entendimento do senso

comum sobre a subjetividade de tais sujeitos, que a todo momento têm sua inteligência e sensibilidade, seu interesse por algo alheio ao seu cotidiano e a suas demandas, questionados, muitas vezes indireta e inconscientemente. Compreendidas como seres marcados *a priori* pela falta – de razão, linguagem e conhecimento –, as crianças são, ainda hoje, desinvestidas de potência, a despeito de estudos de distintos campos disciplinares que as afirmam como produtoras de cultura e de saberes.

Independentemente de fatores que a interrogam e questionam suas qualidades estéticas, a literatura infantil abarca significativa produção artística, cultural e editorial no Brasil, assim como em outros países. Encampada por autoras, educadoras, pesquisadoras, instituições, casas editoriais e premiações, além, é claro, das crianças, a literatura infantil brasileira constitui, indiscutivelmente, um sistema, nos termos elaborados por Antonio Candido:

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. (Candido, 2006, p. 25)

Todos os elementos que compõem tal sistema, conforme Candido (2006), podem ser verificados na literatura infantil brasileira: temas e formatos que se apresentam ou restam preteridos à luz de momentos históricos e suas expressões sociais; um significativo conjunto de escritores, ilustradores, editores e pesquisadores dedicados especificamente a essa produção; um grupo definido de leitores ideais, ainda que diverso na existência concreta de seus indivíduos.

Assim, não há razão para os livros para criança ficarem de fora do cânone respeitável (como uma alternativa) ou não serem estudados com o mesmo rigor (que os outros). Também não há razão nenhuma para que um discurso novo e paralelo não deva ser criado para lidar com a literatura infantil. A única questão real é de status, e essa é uma questão de poder. (Hunt, 2010, p. 88-89)

A despeito da especificidade de seus leitores implícitos, as crianças, e da instabilidade do conceito de infância, indelevelmente marcado por atravessamentos nem sempre considerados (sociais, raciais, culturais, econômicos, territoriais e de gênero), a literatura infantil brasileira configura, indiscutivelmente, um sistema literário, com muitas proximidades com a literatura não infantil brasileira.

O recorte da primeira infância está contido na categoria maior e, por isso, responde a todas as exigências que constituem um sistema literário. A estranheza que causa a determinados críticos, já reticentes quanto à literatura infantil, de maneira geral, deve-se, reiteradamente, a seus leitores implícitos, em razão das formas de fruição de suas narrativas, sempre mediadas porque dependentes de um intermediário, uma vez que bebês e crianças pequenas ainda não desfrutam de autonomia para experimentar a escolha de seus livros, mesmo quando isso é possível, na seção infantil de uma biblioteca, por exemplo. E porque, em regra, não são alfabetizados e dependem de alguém que leia para eles.

Mas em seu fim, se for possível atribuir um fim delimitado à literatura, estão horizontes similares aos tomados para e pelos leitores não crianças, a saber, a possibilidade de pensar sobre o mundo e si mesmos, guardada por elaborações poéticas nas páginas dos livros.

A primeira infância é a etapa da vida em que se aprende a simbolizar, e simbolizar é a base da experiência de pensamento. Sem brincar, sem cantar, sem ler ou ouvir histórias ficcionais é difícil enriquecer a capacidade de pensar. Que lugar conferimos à palavra lúdica e poética, à leitura e à presença dos livros na vida das crianças é uma questão sobre a capacidade de pensamento de uma sociedade, por sua habilidade para inventar e reverter o estado das coisas. (López, 2018, p. 78)

Os livros de literatura para a primeira infância não contam com muitos estudos, à exceção de sua recepção e da discussão sobre sua relevância na formação das crianças, investigadas em pesquisas, publicações e eventos no campo da Educação. Por seu caráter ainda inaugural e produção editorial incipiente, apesar de numerosa, especialmente se desconsideradas as obras ostensivamente instrutivas, com claros propósitos de transmissão de valores morais e de boas maneiras (comportamento, alimentação, cuidados de higiene, entre outros), os livros de literatura para a primeira infância trazem em suas narrativas elementos com os quais as crianças pequenas mais comumente se identificam, ressignificando-os inventiva e poeticamente. Figu-

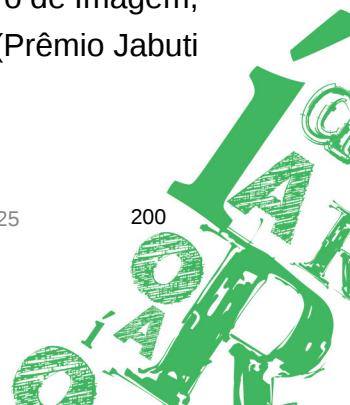
ras familiares (pai, mãe, irmãos, avós e amigos), o corpo humano, animais, hábitos, espaços (casa, escola, jardim, quintal, fazenda, praia, mercado), brinquedos e sentimentos são recorrentes nos livros para a primeira infância, assim como formas, cores, números e comparação de grandezas.

Nos livros esteticamente mais elaborados, no entanto, tais elementos, conhecidos pelas crianças pequenas, ganham nuances que extrapolam as relações e os significados mais imediatos, criando experiências com as palavras e seus sons, com as ilustrações e suas muitas possibilidades de significação, principalmente no que juntos texto e imagens criam no espaço das páginas. Em suas melhores realizações, essas obras escapam do óbvio, valendo-se de palavras e ilustrações para produzir deslocamentos e novos sentidos para o comezinho.

Naturalmente, a literatura infantil, assim como a não infantil, abarca obras de qualidades e investimentos criativos diferentes. Seu vínculo com a escola e as instáveis concepções de infância no país, sempre em disputa e sujeitas ao poder de grupos políticos e sociais, limitam, em alguma medida, suas experiências criativas e incursões temáticas. No entanto, sua história mostra uma construção ininterrupta, embora nem sempre linear, de autonomia. Nesse contexto e no âmbito deste artigo, destaca-se a produção da escritora e ilustradora Marilda Castanha, especialmente dois de seus livros intencionalmente dedicados à primeira infância.

3 MARILDA CASTANHA E SUA PRODUÇÃO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA: OPS E *ENTRE TANTOS*

Marilda Castanha nasceu e vive em Belo Horizonte. Na década de 1980, estudou Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais, onde atualmente, 2025, desenvolve pesquisa de mestrado sobre livros ilustrados. Também nos anos 1980, trabalhou como professora de artes em uma escola municipal de Belo Horizonte e em uma instituição da rede privada, em Carajás, no Pará. É autora de dezenas de livros para crianças, tanto como ilustradora de textos de outros autores, quanto de obras escritas e ilustradas por si mesma. Recebeu importantes prêmios literários no Brasil e no exterior, dentre os quais se destacam os conferidos a *Pula, gato!* (Encouragement Prize – Noma Concours, Japão, 1992; Prêmio Luís Jardim – Melhor Livro de Imagem, FNLIJ, 1992; Honour List IBBY, 1994), *Pindorama, terra das palmeiras* (Prêmio Jabuti



– Ilustração, Câmara Brasileira do Livro, 2000; Prêmio Runner-up Noma Concours, Japão, 2000; Prix Graphique Octogone, França, 2000; Prêmio FNLIJ – Melhor Ilustração, 2000), *Mil e uma estrelas* (Prêmio Jabuti – Ilustração, Câmara Brasileira do Livro, 2012; White Ravens – Internationale Jugendbibliothek, 2012), *Sem fim* (Purple Island – Nami Island International Picture Book Illustration Concours, Coreia do Sul, 2017) e *A quatro mãos* (Prêmio Ofélia Fontes – O Melhor Livro para Criança, FNLIJ, 2018).

Seu primeiro trabalho como ilustradora foi o livro *Tonico, o bode diferente*, com texto de Solange Avelar Fonseca, no início da década de 1980, publicado pela Miguilim. Frequentadora assídua e participante dos cursos sobre literatura infantil e encontros com autores promovidos pela Casa de Leitura e Livraria Miguilim, fundada na capital mineira, em 1979, por Maria Antonieta Antunes Cunha, Ana Maria Clark Peres e Marília Campos, foi convidada para ilustrar um de seus livros – em 1980, a Miguilim passou a ser também uma casa editorial: “Isso foi no início dos anos 1980. Eu ia para a Miguilim folhear os livros e depois comecei também a frequentar bate-papos e lançamentos aos sábados. Ia para escutar Bartolomeu Campos de Queirós, Orígenes Lessa, Sylvia Orthof. Isso foi em 1983 ou 1984.” (Moraes; Hanning; Paraguassu, 2012, p. 150)

Em 2011, a primeira edição de *Ops*¹ foi publicada pela editora Cosac Naify, conhecida, entre outros aspectos, pelo caráter arrojado de seu catálogo e pelo investimento visual e gráfico em seus livros. Com bordas arredondadas, formato quadrado, de, aproximadamente, 16 x 16 cm, capa e miolo impressos em papel Artboard envernizado, com gramatura de 360g e 22 páginas, o livro foi criado com apenas uma palavra, “ops”, e ilustrações, além do design. Na capa, sobre listras horizontais em verde, amarelo, marrom, vermelho, lilás, verde claro, azul turquesa, azul cobalto e preto, nessa ordem, dispostas de cima para baixo, um bebê de pele preta está dependurado na letra “o” do título *Ops*, escrito com a fonte Knockout, na cor branca.

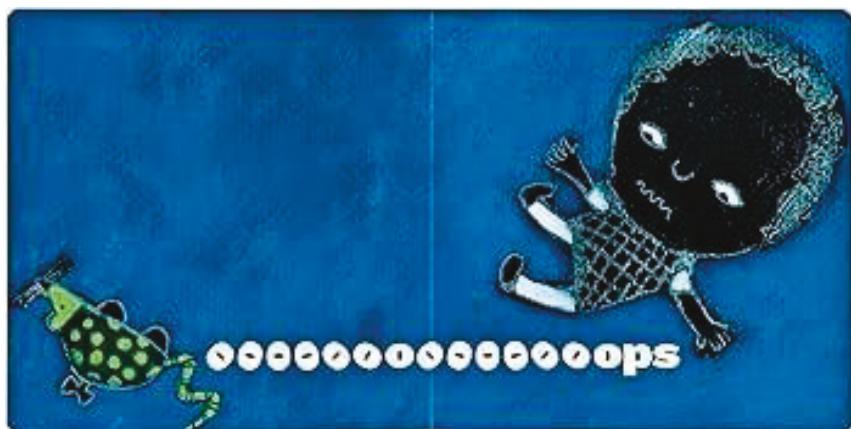
As mesmas cores que figuram na capa são utilizadas no miolo do livro, tornando-se fundo para as duplas de páginas. Na primeira delas, sobre o verde com leves manchas que informam camadas de tinta em sua base, criando a sensação de volume e movimento, o bebê personagem já apresentado na capa está de pé, à direita, segurando uma casquinha na mão e olhando surpreso para o sorvete que caiu no chão. À esquerda, a palavra “ops”, que pode ser vista também como imagem, com letras dis-

1 Em 2021, a editora Jujuba publicou uma edição renovada e ampliada de *Ops*.

postas de forma não linear, em cor branca, ocupa o centro da página. A letra “o” está de lado e um nível abaixo das demais, sugerindo que está caindo, como o sorvete. O desenho circular do “o” é retomado no rosto da criança, com ênfase na boca, que faz o leitor imaginar que ele está dizendo “ops” como reação à queda do sorvete.

Na dupla de páginas seguinte, com o fundo azul turquesa, no canto à esquerda está um ratinho de corda, de cabeça para baixo, e na da direita o bebê, com o rosto assustado e o corpo em movimento de queda. Entre eles, ligando uma imagem à outra, a palavra “ooooooooooooops”, com vários “o”, expressa tanto o som do susto que o menino tomou ao escorregar, quanto uma espécie de trilha ou percurso que torna concreto e visível todo o movimento entre a pisada e a queda.

Figura 1: Dupla de páginas de *Ops*



Fonte: Castanha, 2011, p. 2-3

As demais duplas de páginas apresentam cenas em que a palavra “ops” segue constituindo, além de som, imagem, sendo graficamente apresentada em sua relação com o que está acontecendo com o personagem. Ao manipular um brinquedo modulado que se dobra e desdobra verticalmente, a palavra “ops”, com várias letras “o”, um “p” e dois “s”, é desenhada na vertical, em várias cores, como as partes do brinquedo. Em outra cena, as letras “o”, em tamanhos diferentes, bem pequenas em uma ponta e maiores quanto mais se aproximam do personagem, sugerindo também o volume do som produzido pelo menino, formam o caminho ondulado percorrido pelo cachorrinho em corrida para encontrar e lambê o bebê, que sorri. Em todas as duplas de páginas, pequenas histórias são contadas com a palavra “ops” em situações do cotidiano do personagem em que ela, com variadas entonações, é pronunciada.

Uma interjeição tomada de maneira inventiva cria muitas experiências com a língua e as imagens nas páginas do livro. *Ops* não oferece aos pequenos uma narrativa linear, com sequências que exigem ser percebidas e concatenadas página a página. Suas cenas contam pequenas histórias, que juntas formam uma única, e convocam as crianças à produção de sentidos, valendo-se de palavras – uma apenas, com muitas variações – e ilustrações. Acontecimentos do cotidiano são elaborados poeticamente, impregnando-se de possibilidades de indagação e reinvenção do comum.

Entre tantos, publicado em 2024, pela editora Maralto, também brinca com palavras e ilustrações, tomando cortes especiais no papel como matéria de invenção. O livro tem formato aproximado de 20 x 20 cm, capa dura e 64 páginas, impressas em papel couché fosco, com gramatura de 170g. Já nas guardas do livro, a ideia de camuflagem se anuncia, com imagens que se alteram a depender da distância e da fixação do olhar. O texto rimado, em diálogo com as imagens, convida as crianças à desconfiança e à observação em perspectiva, mostrando que as coisas nem sempre são o que parecem e, ainda que sejam, podem ser outras, a depender do ponto de observação e de consideração. Essa ideia se materializa página a página, especialmente em sua virada. A estabilidade do que pode ser visto em uma página é contestada na seguinte, desestruturada pelo texto, pelas ilustrações e pelos cortes especiais no papel.

Na dupla de páginas da falsa folha de rosto, onde consta a dedicatória da autora, no centro da página à esquerda, ocupando quase todo o espaço, uma cena se apresenta: um animal de quatro patas, que lembra uma lhama, com um pássaro pousado em seu dorso, ambos desenhados em preto, está sobre uma montanha azul, com grafismos em preto, abaixo de uma nuvem alaranjada com grafismos em tons escuros de marrom. Vistos lateralmente pelo leitor, a lhama e o pássaro, que tem tamanho desproporcional ao da lhama, olham para a página da direita, onde há, ocupando todo o espaço, a cabeça de um personagem desenhada apenas com linhas pretas simples, marcando seu contorno, nariz triangular e boca, além de círculos preenchidos com a cor cinza, sinalizando as bochechas. Na cabeça, que encara o leitor, há óculos, cujas lentes, assim como o desenho da boca, são vazadas com um corte especial no papel. O corte vazado é preenchido pelas cores da próxima folha de papel, tendo nas lentes dos óculos listras verticais em azul e grafismos pretos intercaladas, sobre as quais está o título do livro, em fontes brancas, em caixa alta. A parte inferior da boca também é preenchida pelas cores da próxima folha de papel, com listras horizontais em vermelho e marrom.

A descrição minuciosa de desenhos, cores e cortes é importante para a compreensão do livro, uma vez que se articulam na construção dos personagens e da narrativa. O convite a observar o mundo por mais de um ângulo e a indagar as apariências é realizado de forma lúdica, com diferentes elementos que se complementam organicamente. Já nas páginas que costumam passar despercebidas pelas crianças, como a falsa folha de rosto, *Entre tantos* provoca os pequenos leitores e oferece um pouco do que está por vir: os óculos no rosto que está de frente, olhando para o leitor, são vazados e preenchidos pelas cores do papel da página seguinte, sugerindo que o que vemos não é estático e que, com um pequeno movimento, tudo pode se alterar. Ao mesmo tempo que esse personagem encara quem tem o livro aberto nas mãos, a lhama e o pássaro à esquerda o observam, sem que ele se dê conta disso.

Marilda Castanha lança mão de elementos conhecidos pelas crianças pequenas, acolhendo-as em um universo amigável e, por isso, atraente: animais da água, da terra e do ar, mamães e filhotes, formas geométricas, cores intensas, árvores estilizadas (uma marca em sua obra) e, ao final, um elogio ao livro e às leituras. Mas esses elementos extrapolam as referências mais comuns e imediatas que possam evocar, como características, habitat, sons, alimentação e afins.

Mais que um bicho que come cenoura, como cristalizado no imaginário infantil, o coelho de *Entre tantos* se disfarça e se funde no verde da mata. Suas orelhas, escondidas na copa estilizada de uma árvore, se revelam na virada de página, ganhando os tons vermelhos das folhas de outra, graças ao corte vazado no papel.

Figura 2: Dupla de páginas de *Entre tantos*



Fonte: Castanha, 2024, p. 6-7

Figura 3: Dupla de páginas de *Entre tantos*



Fonte: Castanha, 2024, p. 8-9

O mesmo ocorre com a tartaruga, o peixe, o morcego, a girafa e outros personagens: a narrativa mantém as referências mais comuns sobre eles, mas propõe deslocamentos, brincando com o texto verbal, as ilustrações e os cortes no papel. Como já autoriza o título do livro, entre tantos jeitos de ver, perceber, pensar e concluir, os pequenos leitores não precisam escolher um ou outro. Eles podem considerar todos, imaginar muitos mais e até recusar alguns, como acontece nas histórias guardadas pelos livros, que são viagens sempre ao alcance da mão. É assim que a narrativa se encerra: duas crianças sentadas debaixo de uma árvore com livros abertos em mãos.

Mais comumente, os livros criados e publicados para a primeira infância têm poucas páginas, papel de gramatura densa e formatos menores. *Entre tantos* contraria todos esses princípios, mas se afirma como obra para este público, ainda que possa interessar também a leitores de outras faixas etárias.

É importante ressaltar que a faixa etária é um aspecto orientador, mas não limitador, no que concerne aos livros para a primeira infância, que em si já guarda complexidades ao abranger sujeitos tão singulares em seu recorte temporal. As características mais comumente atribuídas a essa produção advêm de concepções de infância e de leitura e, por este motivo, são fluidas e estão permanentemente sujeitas a revisões. Além disso, as mediações nas práticas de leitura com os pequenos podem alterar a avaliação sobre a adequação de uma obra para bebês e crianças pequenas, assim como podem tornar interessantes livros que, *a priori*, não são considerados acessíveis a este público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros para a primeira infância ainda constituem um objeto pouco conhecido no Brasil. A despeito dos investimentos do mercado editorial nesse segmento e das pesquisas acadêmicas sobre sua proposição e circulação em instituições educacionais e culturais, a compreensão da relevância da leitura nessa faixa etária segue limitada. Mesmo em grupos de estudos dedicados ao tema, há controvérsias sobre a leitura com e para bebês, com questionamentos sobre as condições biológicas e psíquicas para manusear, ver, prestar atenção, compreender e se interessar por livros e histórias nos primeiros meses de vida.

No âmbito da reflexão proposta neste artigo, interessam a criação e a realização editorial de livros da escritora e ilustradora Marilda Castanha para a primeira infância, uma vez que, como destacado, nesta produção a materialidade da obra (tamanho, formato, papel, impressão) sustenta a construção de texto verbal e ilustrações. Outros títulos poderiam ser considerados nessa visada, mas, em razão dos limites de um artigo, optou-se por livros de diferentes momentos da trajetória da autora, sendo *Ops* sua primeira obra intencionalmente publicada para bebês e crianças pequenas e *Entre tantos* a mais recente.

Distantes no tempo 13 anos um do outro, em ambos pode ser percebida a crença na inteligência e na sensibilidade das crianças em seus primeiros anos de vida. Não há preocupação com a linearidade e as simplificações recorrentemente vinculadas à faixa etária em questão, mas sim construções narrativas sofisticadas, que deslocam o olhar dos pequenos e movimentam sua imaginação e criatividade. Nada em *Ops* e *Entre tantos* é aleatório ou gratuito; cada palavra e cada imagem, realizadas nas páginas do livro, concorrem para contar histórias, supondo nos pequenos leitores o desejo e a disponibilidade para trabalhar na construção de sentidos, elaborando sentimentos, ampliando e aprofundando o olhar para o mundo, rompendo limites previamente estabelecidos para suas experiências com a literatura e os livros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.



CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASTANHA, Marilda. *Pula, gato!* Aparecida, SP: Ed. Vale Livros, 1991.

CASTANHA, Marilda. *Pindorama, terra das palmeiras*. Belo Horizonte: Formato, 1999.

CASTANHA, Marilda. *Ops*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CASTANHA, Marilda. *Mil e uma estrelas*. São Paulo: Edições SM, 2011.

CASTANHA, Marilda. *Entre tantos*. Curitiba: Maralto Edições, 2024.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. Barueri, SP: Manole, 2010.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

LÓPEZ, María Emilia. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. São Paulo: Instituto Emilia, 2018.

MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUASSU, Maurício. *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

